

NIKETCHE, BALADA DE AMOR AO VENTO E EVA: A RECEPÇÃO DA POLIGAMIA EM ROMANCES AFRICANOS

Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI/PROPESQ)
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Introdução

A poligamia é tema constante nos romances de autores africanos contemporâneos fato que observamos nos romances *Nikette: uma história da poligamia* (2002) e *Balada de amor ao vento* (2003) da moçambicana Paulina Chiziane, e *Eva* (2006) do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, como exemplos dessa temática. Em *Nikette* destaca-se o homem como sujeito polígamo, detentor de várias mulheres, onde o espaço narrativo concentra-se em várias regiões de Moçambique. Em *Balada de amor ao vento*, Sarnau e Mwando protagonizam uma história de amor da juventude até a maturidade, porém marcada por um casamento no qual Sarnau torna-se a primeira esposa de um rei polígamo. O romance *Eva* mostra outra vertente, quando traz uma mulher como personagem principal, mantendo um relacionamento amoroso com três homens, cujo espaço da narrativa ocorre entre Portugal e Cabo Verde.

Nos dois romances de Paulina Chiziane o tema central é a poligamia, e nesse trabalho a investigação objetiva compreender de que forma acontece o consentimento ou a negação da sociedade, e das próprias personagens envolvidas na narrativa, quando se trata do homem polígamo, ou quando é a mulher que assume a posição polígama. O apoio teórico do trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica de (FOUCAULT, 2010), (MATA; PADILHA, 2007), (CHABAL, 1994), (NOA, 1998; 2002) e (MUNANGA, 2007), entre outros.

- *Nikette*: a poligamia como um uivo solitário à lua cheia

Em *Nikette, uma história da poligamia*, conta a trajetória de Rami, uma mulher casada há vinte anos com um funcionário da polícia, Tony, um homem do sul de Moçambique. O casal tem vários filhos, aparentemente uma família feliz, mas Rami desconfia que o marido a trai. A frustração ocorre quando Rami descobre que o marido é partilhado com várias outras mulheres, de regiões diferentes: Maputo, Inhambane, Zambézia, Nampula e de Cabo Delgado, com as quais ele também constituiu outras famílias. Além das cinco esposas, Tony também possui uma amante maconde. Rami, apesar de ser a esposa oficial, casada conforme a lei e a tradição, ela passa por um drama do qual ela é mais uma vítima, pois considera a poligamia do marido um desrespeito ao seu amor. Determinada a conhecer cada uma dessas rivais, Rami viaja em busca do desconhecido. Na sua travessia, saindo do conforto de seu lar, onde acreditava ser seguro, desperta para o resultado de séculos de tradição e de costumes, a submissão das mulheres de sua região, e os contrastes percebidos entre a cultura das mulheres do norte e do sul de Moçambique.

O sofrimento provocado por essa humilhação de ter sido trocada por outras, corrobora com o despertar de Rami em relação às suas emoções, revelações frustrantes, e os paradoxos e ambiguidades que essas revelações implicam. Nesse contexto, Rami necessita saber o significado de poligamia e monogamia, além do processo de hipocrisia e das convenções sociais impostas por uma sociedade machista. “Nikette”, também

significa a dança de amor e erotismo entre os zambianos e os napules, de comemoração ao sentimento e rito de iniciação sexual. No entanto, o título também se caracteriza como uma ironia, uma vez que Rami procura nas amantes do marido aquilo que há ausência nela. Sai em busca de um amor impossível de ser concretizado: “Niketche, a dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar”. (CHIZIANE, 2002, p. 160).

A possibilidade de comparar *niketche* com a dança da vida é viável, pois quando Rami percebe que ao afetá-las, agride a si mesma, afinal aquelas mulheres são tão vítimas quanto ela, com um atenuante: ela é a primeira esposa e não pode descer ao nível das amantes. Com isso, faz uma reflexão sobre as questões da sociedade moçambicana que estão associadas ao ritmo da própria dança. A *niketche* estabelece esta relação: em um momento Rami recua, exerce a sua autoridade individual, consegue erguer-se com a cooperação das amantes do marido e percebe que é forte, apesar dos anos de tradição terem frisado o contrário. A partir desse contexto entra em cena a identidade de resistência, uma vez que Rami pretende resistir não apenas ao casamento polígamo, fazer com que as tradições sejam revistas. Ao aceitar as mulheres do marido, haverá uma solidariedade por parte dela em compreender o significado da necessidade do marido manter as amantes e os filhos: “O nosso lar é um polígono de seis pontos. És polígamo. Um hexágono amoroso” (CHIZIANE, 2002, p.60).

Em *Niketche* é notificada uma descoberta sobre a mulher moçambicana do norte e do sul, seus costumes e tradições, a luta e a necessidade constante de independência. De que forma Rami desperta para sua condição e descobre que não tem uma identidade própria e que sua construção identitária dependerá da forma como ela vê estas outras esposas consideradas ilegítimas: “Não sou de lugar nenhum, não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado” (CHIZIANE, 2002, p. 92).

Existe uma diferença básica entre as mulheres do sul e do norte do país. Na Zambézia, norte do país, as cidades são em sua maioria matriarcais. O que se percebe na história de Moçambique e coincide com a narrativa, é o fato de que a mulher nesta região possui uma voz ativa, ocupa um lugar social de destaque, além de exercer algum poder. Ou seja, até as questões relacionadas à poligamia são vistas pelo ponto de vista de um aspecto cultural. Nas comunidades rurais as mulheres queixam-se de não manterem relações sexuais com os maridos e por isso convocam a família para uma reunião em que se discuta este assunto. O que se expressa o fato do prazer sexual ser algo de relevante importância para a mulher.

De acordo com a explanação de Foucault (1993), de que a confissão estabelece uma relação de poder na qual aquele que confessa se expõe e produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve interpreta o discurso, redime, condena, domina, esta seria uma das formas que Rami encontra para exercer o poder: “Quero que o Tony sinta o peso de minha importância, pelo menos uma vez na vida” (CHIZIANE, 2002, p. 98). É visível a relação de ironia de Rami com a questão da religiosidade. Ela clama por uma deusa, pois percebe que o Deus dos homens está ausente para as mulheres. Há uma relação de como o sistema socialista promoveu questionamentos em todas as igrejas e religiões, após a independência de Moçambique. Com a guerra civil, a religião voltou a ser uma espécie de redenção para os que não tinham mais esperanças e a crença em algo superior passa a ser mais uma busca por uma nova identidade.

No entanto, a religião passa também a não ter uma importância crucial na vida das mulheres do sul e do norte, pois a poligamia é considerada uma ofensa no pensamento das mulheres, entretanto, a ausência dela é interpretada por homens como egoísmo da parte de suas esposas. Para Rami, a poligamia significa o cancro da sociedade: “Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos” (CHIZIANE, 2002, p. 93).

Nesse sentido, observa-se que a mulher casada com um polígamo é obrigada a suportar todas as atitudes promíscuas dele, além de ser tratada como mercadoria, e aceitarem o infortúnio a que foram submetidas. Apesar de Rami ser da região sul de Moçambique, nela, a tradição dita que se o homem for impotente e não possuir um desempenho sexual satisfatório, a mulher é obrigada a suportar com retidão, porque segundo os costumes locais, ela foi adquirida para isso. Notifica-se o significado da poligamia enfrentado pelas mulheres daquela região. Assim, Rami expressa a sua indignação:

Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao teu lado. Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com seu petisco para alimentar o senhor. (...) É seres espancada a cada dia pelo mal que fizeste, por aquele que não fizeste, por aquele que pensaste em fazer, ou por aquele que um dia vais pensar cometer (CHIZIANE, 2002, p. 93).

No entanto, Rami comporta-se de forma diferente e por isso ela é criticada pelos familiares ao expor a vida íntima do esposo. Assim, há sempre uma espécie de comparação entre as mulheres do sul e do norte. A forma de se vestir também é algo em que as mulheres do norte se destacam. As estampas alegres e a maquiagem constroem parte de seu visual. As mulheres do sul são mais recatadas e não usam o colorido habitual. As mulheres do norte têm um estatuto que as mulheres do sul não possuem. As relações amorosas entre ambas as regiões são consideráveis. As mulheres do norte detêm uma naturalidade em questão da sexualidade, sentem-se atraídas por alguém não se censuram ao confessar o que sentem. Para Rami, as piores causas para os sofrimentos da mulher, sempre estão ligados às questões relacionadas à poligamia:

Viver na poligamia é ser enfeitada por mulheres gananciosas, que querem ficar com o marido só para elas. No lar polígamo há muitas rivalidades, feitiços, mexericos, envenenamentos até. Viver na poligamia é usar artimanhas, técnicas de sedução, bruxedos, intrigas, competir a vida inteira com outras mais belas, desgastar-se a vida inteira por um pedaço de amor (CHIZIANE, 2002, p. 94).

Entretanto, para as mulheres do sul, se agir de tal forma são repreendidas e consideradas prostitutas. O que faz, então, um homem decidir em ter a primeira esposa do sul e as demais amantes na região norte? Segundo Luiza, a terceira mulher de Tony, tem uma explicação: “Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade que se empresta uma colher de pau”. (CHIZIANE, 2002, p. 84).

Em *Niketche*, o fato de todas as mulheres atuarem como promissoras empresárias representam um elemento comum em Moçambique. Ou seja, a libertação nacional colocou a mulher em um campo de batalha, pois participou da guerra, além da orientação marxista que lhe conferiu uma comissão permanente na agenda política, o que favoreceu a alteração da legislação. É evidente que na zona rural não se pôde ter a mesma sorte apesar de um número razoável de mulheres alfabetizadas.

Rami busca nas definições da poligamia uma justificativa para ela continuar a existir. Não compreende o fato da poligamia representar a natureza dominadora dos homens e o destino submisso das mulheres. Nessa contradição, ela ironiza:

Se a poligamia é natureza e destino, por favor, meu Deus, manda um novo Moisés escrever a nova bíblia com um Adão e tantas Evas que pilam, esfregam, cozinham, massajam e lavam os pés de Adão, assim em turnos. (...) Neste mundo da poligamia, as mulheres são proibidas de ter ciúmes. Se o ciúme é amor, então elas estão proibidas de amar. O pecado original, quando o cometem, não é para ter prazer, é só para a reprodução. Pode falar dos castigos, das dores, do sofrimento, que essa linguagem as mulheres conhecem bem (CHIZIANE, 2002, p. 95).

O destino de Tony e a postura de Rami simbolizam uma realidade das tradições em processo de estruturação. A narradora exerce a postura de eterna questionadora, principalmente sobre a questão da poligamia. É Rami quem interroga os valores e enfrenta o espelho, que embaça os costumes cristalizados. A partir dessa mulher que se renova, Rami constrói sua identidade e reinventa os passos de uma dança antiga, na redescoberta de uma questionável *niketche*. No entanto, não poupa ninguém na sua ânsia de descobrir o porquê dessa poligamia, e mais uma vez questiona o próprio Deus:

E tu, meu Deus, nós te pedimos: liberta a deusa — se é que existe — para mostrar o rosto só por um segundo. Ela deve estar cansada de preparar tanto vinho, tanta hóstia na cozinha celestial, desde o princípio do mundo. Se não existe nenhuma deusa — meu Deus, perdoa-me: —, com tantas mulheres que o mundo tem por que não fica com umas tantas dúzias? (CHIZIANE, 2002, p. 96).

Na condição de possuir um lar polígamo, faz com que Rami questione esse poder supremo masculino, e percebe que a mulher em sua região está destinada ao sofrimento. As reflexões que Rami amadurece servirão para provar que as mulheres não podem ser desunidas neste espaço de poligamia, elas precisam uma das outras, para poder melhorar suas próprias existências.

Nesse sentido, essa união entre as mulheres fez a diferença em *Niketche*, porque perceberam que mesmo com as divergências entre elas, a união serviu para melhorar as suas vidas. A mensagem que fica é o fato de não haver uma região norte sem região sul e vice-versa. Há a necessidade de que todos precisam uns dos outros, mesmo nos aspectos culturais e sexuais dos habitantes do norte e do sul de Moçambique, e até com o confronto entre a cultura do matriarcado e do patriarcado.

As duas regiões de Moçambique se completam, ou seja, não há norte sem sul e vice-versa. Assim, nota-se que todos precisam uns dos outros, inclusive as mulheres, que antes eram rivais, e agora se unem para salvarem-se a si próprias. A mensagem do romance é de ser uma unidade nacional, que se concretiza a partir de um conhecimento entre os hábitos culturais, incluindo a poligamia, do norte e do sul, observando de que modo ocorre esse confronto entre a cultura do matriarcado e do patriarcado.

- *Balada de amor ao vento*: uma Moçambique de múltiplas culturas

O mesmo contexto se repete na narrativa *Balada de amor ao vento* (2003), situada em uma sociedade moçambicana, especificamente em Gaza, mosaico de povos e de cultura, multicultural com tensão de obstáculos à participação da mulher. Os problemas vividos pela narradora, que tenta sobreviver em uma Moçambique de várias etnias e culturas, sendo a maioria de origem bantu, em uma sociedade na qual privilegia a mulher enquanto figura simbólica.

É nesse contexto estão inseridas as identidades sociais, que segundo Heimer (2000, p. 25), “são compreendidas como uma entre muitas manifestações do “pensamento social”, ou seja, de modo como as pessoas se pensam a si próprias, e a sociedade em que vivem, sendo nisto profundamente condicionadas pelo próprio contexto social”. Esse pensamento coaduna com a posição de Foucault em relação ao sujeito, que seria construído conforme a sua história. Uma determinada identidade produzida por forças em um determinado período histórico. O homem concebe essa identidade como sendo sua. (cf. FOUCAULT, 2007).

A mulher dessa sociedade social moçambicana também envolvida em um casamento poligâmico, no qual apenas o marido tem direito a várias esposas. No romance, Sarnau é a primeira, considerada a mais importante, no entanto, ela é o sujeito feminino atrelada à pátria como forma de revitalização da tradição, embora estas mulheres estejam ainda totalmente arraigadas a submissão as tradições impostas por aquela cultura. Sarnau é o exemplo típico dessa contradição, pois está visivelmente dividida entre a tradição e a modernidade, pois deseja transformar-se rumo a uma liberdade utópica, torna-se tão ambígua e paradoxal quanto o lugar onde vive. O que ocorre com ela é o fator predominante de uma sociedade patriarcal, ou seja, a luta por um amor impossível por divergências culturais e exigências de costumes de seu povo.

Dentro do processo de construção de identidade, Sarnau busca compreender o outro, mas antes precisa saber quem é ela mesma, ou seja, para descobrir quem ela é, torna-se necessário saber a forma como ela é percebida pelo outro. Assim, há uma relação indispensável entre o eu e o outro para que o sujeito se constitua como um todo. Em relação à questão identitária, observa-se a argumentação de Appiah (1997, p. 243), ao refletir sobre a identidade humana como uma construção histórica:

toda identidade humana é construída e histórica; todo mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões, que a cortesia chama de “mito”, religião, de “heresia”, e a ciência, de “magia”. Histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade.

A mulher moçambicana surge na literatura de Chiziane aprisionada dentro de territórios demarcados, patriarcais e delimitado pelo poder masculino. Nesse contexto, o que esperar de uma mulher jovem como Sarnau, quando toma para si a palavra e transforma-se em sujeito de seu próprio destino, quando a mulher é retratada de forma negativa? Na leitura de Chaves e Macedo (2007), o leitor encontra problemas, sentimentos e intimidade feminina, sendo abordada desde a marginalização às tentativas de rebeldia em um mundo de carência. Essas experiências surgem desde a solidão e o exílio, passando por mulheres que talvez já não correspondam a seu papel na história, aquelas que se revoltam e denunciam a sua opressão. Dessa forma, sendo os múltiplos valores e as diferentes tradições a que são submetidas muitas mulheres moçambicanas, nesse caso, invertem a submissão ao sistema, mas não gera consequências positivas à

Sarnau. O que ocorre na narrativa de *Balada de amor ao vento* é uma espécie de duplicidade contrastante da personagem Sarnau, que apesar de ter um marido polígamo, não se sente assim, mesmo que a exclusão cultural de seu meio faça-a perceber que precisa compreender como ocorrem as diferenças, uma vez que, também está em jogo a sua própria identidade.

No caso específico de Sarnau, o seu processo de identidade acontece como movimentos de continuidade e descontinuidade das relações, que ela estabelece com outros sujeitos, a comunidade onde vive, e até o modo de vida de submissão, esses fatores garantem sua autoconstrução, e sua capacidade de lidar com as condições impostas dessas próprias relações. Nesse caso, podemos afirmar que são conflitos vividos por uma mulher da juventude à idade madura, entre o mundo moderno e o mundo tradicional, entre os valores impostos pela sociedade machista e poligâmica, e seus próprios anseios e desejos os quais sempre são subestimados.

Sarnau é a primeira esposa do rei de Mambone, um casamento aceito pela família da noiva, e recebida pela sogra com celebração. Após o casamento tradicional e polígamo, todos da família retornam para sua comunidade, e Sarnau fica com seu esposo, em uma tribo oriunda da província de Gaza, inserida em uma realidade de vida tradicional, na qual a feitiçaria faz parte de seu cotidiano. A decisão de casar-se com o rei ocorre após descobrir que seu verdadeiro e único amor estava de casamento marcado com outra mulher, que na mesma orientação cultural não aceitava a poligamia. Sarnau ainda se submete a ser a segunda esposa, no entanto, a proposta é rejeitada por Mwando.

— Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás a minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia (CHIZIANE, 2003, p. 29).

Mwando considera-se superior a Sarnau, pela educação formal e por sua “civilização”, isso fica evidente com a decisão de partir para casar com outra mulher, que igual a ele é cristã, e não admite os costumes de tribos ainda não “civilizadas”. Este casamento cristão com a escolhida da família, Sumbi, já significa em si a própria rejeição da cultura local, da tradição poligâmica, que para Sarnau, parece não ser problema, realidade que se apresenta como questão cultural moçambicana, que conduz a vários conflitos com a comunidade local. Por isso, Sarnau casa-se com outro homem, que diferente de Mwando é rico e polígamo.

Segundo Kabengele Munanga (2007), o casamento africano não interessa apenas aos futuros esposos, ele é antes de tudo uma aliança entre dois grupos de parentesco. A primazia da linhagem é claramente indicada durante todas as etapas do longo processo de casamento. Uma das características desse casamento é o dote. Sempre vai da família do futuro marido à família da mulher.

Enquanto Mwando tenta se reerguer de sua decepção amorosa, ao descobrir que “o seu humano tem várias mortes em vida, possuindo também poderes de auto ressurreição” (CHIZIANE, 2003, p. 70), Sarnau está mergulhada na nostalgia, solidão e tristeza de seu matrimônio polígamo. Vinga-se nas filhas gêmeas a sua própria desgraça, pois, nas filhas também está registrada a rejeição do esposo, que não mantém relações sexuais com Sarnau, desde que esta estava com sete meses de gravidez das gêmeas. O esposo de Sarnau está com sete mulheres, e desde a chegada da quinta esposa, Phati, o rei não tem mais cumprido com seus deveres para com as outras esposas, especialmente para Sarnau, a primeira esposa. A única solução é a de Sarnau engravidar e se empenhar para que nasça um filho varão, com o objetivo de ser o herdeiro legítimo da primeira

esposa, e assim, poder governar aquele território. No entanto, o rei sempre a rejeita: “Passam já dois anos que eu espero a minha vez e ele não vem. Quando argumento, vomita-me um discurso degradante que não ousa repetir. Ah maldita vida de poligamia, quem me dera ser solteira ou voltar a ser criança. (CHIZIANE, 2003, p. 78).

Observamos nesse depoimento de Sarnau, que há nessa comunidade duas vertentes, a primeira, direcionada a Mwando, que é cristão, não aceita a poligamia, e já tem uma formação escolar com ensinamentos europeus, que Sarnau não teve acesso. Por outro lado, Sarnau está em uma comunidade poligâmica, na qual ter várias esposas e adorar vários deuses faz parte dessa cultura. Assim, apesar dessa sociedade manter a sua identidade original, ela também mantém sujeitos que não concordam com determinadas tradições, principalmente quando se trata da poligamia.

Com o retorno de Mwando ao reino Maconde, Sarnau renega tudo o que representa seu casamento poligâmico, desde o marido que a despreza, as filhas gêmeas que a impedem da felicidade. Com a rejeição a tudo que representa sua família e com a culpa por ter cometido adultério, Sarnau consegue pensar no passado, e questiona por que esse homem que diz amá-la agora, a abandonou antes? Ela tem fortuna, mas não tem amor: “Amor e fortuna nunca se casam. Emparelham-se apenas nos contos de fantasia” (CHIZIANE, 2003, p. 84).

Com os encontros constantes com Mwando, Sarnau engravida, mas desconhece a forma de alguém acreditar que ela engravidou do rei, uma vez que ele nunca mais a tocou. Por sorte, o rei a procura em uma noite, e a partir desse encontro, Sarnau decide que esse filho é do rei, quer livrar-se da culpa, pois acredita na consciência quando imprime que não foi ela a criar o amor e a poligamia. A quinta esposa do rei, Phati, quer vingança pelo fato do rei está apenas com Sarnau. Inconformada ordena ao feiticeiro da tribo que mate as seis esposas, para que possa reinar absoluta. Ordem negada pelo feiticeiro.

Nesse processo, o rei de Mambone faz uma espécie de escolha por noite com as mulheres, menos com Pathi, que o rei descobriu em sonho sobre o feitiço que ela fizera para Sarnau morrer no parto. Apenas esse sonho foi o responsável pelo espancamento da esposa, que tomou veneno, mas causou uma reação contrária. Nasce o filho de Sarnau com a cor clara do verdadeiro pai. O rei negro de Mambone e todos da tribo concordam que o menino nasceu com essa cor porque Phati, que também é clara, passou muito tempo desejando a morte de Sarnau. Esta incubou de tal forma a criança no ventre que nasceu com a cor da mulher que a odiava. Após o nascimento, tudo volta ao que era antes, o rei despreza novamente todas as suas mulheres, inclusive Sarnau, e volta a ter relações matrimoniais apenas com a esposa branca, Phati.

Ao ser descoberto pela traição de Sarnau, a partir de Phati, o rei Mambone obrigará as duas mulheres a beberem o sangue de wanga, ocasião que se embriagam e dizem a verdade. Por isso, Sarnau resolve ir embora, e abandona seus filhos, foge com Mwando em busca desse amor. Após a fuga, Mwando arrepende-se, pois ele foi o culpado de tantas desgraças ocorridas com sua família, que foi expulso de Mambone. Todos acreditavam que Mwando era uma espécie de espião da tribo em guerra com o povo Mambone. Mais uma vez a covardia e a fraqueza de Mwando são vistas por Sarnau, em momento de situação crítica: “Grande rainha que tu eras. Pobre de mim que me deixei apaixonar pelos teus títulos de nobreza. Sarnau és a mais miserável das criaturas. Agora olho para ti com os olhos desanuviados. Não encontro em ti beleza nem encantos. O que vi em ti?” (CHIZIANE, 2003, p. 113). Para Sarnau, somente restou-lhe o vazio, a solidão, fica em Lourenço Marques, abandonada pela segunda vez por Mwando.

Mwando, por sua vez, traído pela segunda vez por uma mulher que já era casada é condenado ao degredo em Angola. Ele sofreu a discriminação de ser apenas uma indígena com a documentação, mas sem os carimbos necessários. O documento redigido em bom português revelava uma ofensa aos brancos. Por causa disso desse envolvimento com mulher casada, o condenaram à deportação em Angola: “Fala bom Português e não tem documento? (...) Amigo, sabe bem escrever, mas agora vai ver, saber escrever sem documento não é nada” (CHIZIANE, 2003, p. 118).

A interação das culturas africanas com a cultura ocidental acontece simbolicamente com o reencontro entre Sarnau e Mwando, dezesseis anos depois, uma metáfora para a realidade do casal, que é a representação de um Moçambique unido pelos elementos dos diversos mosaicos de cultura, mesmo com as diversidades ocasionadas pelo colonialismo.

- *Eva*: a poligamia feminina ou o prazer da sedução

No romance *Eva* (2006) de Germano Almeida, o jornalista Reinaldo Tavares, narrador da história e amante-confidente de Eva viaja a Portugal com o objetivo de entrevistar emigrantes cabo-verdianos que no período pós 25 de Abril, ou por oposição à independência de Cabo Verde, foram impedidos de se manifestar contra o governo assim como de viver em paz na sua própria terra, sendo posteriormente expulsos do lugar. Na cidade de Lisboa, o jornalista encontra Luís Henriques, o outro amante de Eva, que é de Cabo-Verde, e passa a viver em Portugal no ano 1974 para concluir os estudos, um incansável defensor da independência cabo-verdiana.

Eva conheceu Luís Henriques no movimento anti-salazarista, em Lisboa, apaixonou-se por ele, em um movimento social no qual ela havia sofrido uma queda, e ele, salvando-a, transforma-se em sua discípula, cuja admiração ocorria devido à luta pela independência das colônias. Posteriormente, Eva também nutrirá uma profunda admiração por Cabo Verde, e resolve se mudar de Portugal para a Ilha, a princípio aguarda o retorno de Luís Henriques, mas cansada de esperar casa-se com José Manuel, um juiz de Cabo Verde.

Luís Henriques conhecia a dedicação de Eva em relação à defesa das causas sociais. Para Ventura (2006, p. 244),

A protagonista Eva se integra e revela completamente no contato com as multidões, na adesão às manifestações que reforçam a confluência entre erótico e político no romance, que tece elaboradas teias que unem os aspectos pessoal e coletivo (a realização amorosa e a adesão a causas apaixonantes), fundindo os campos afetivo e social (o desprezo de Eva pelos parceiros amorosos que não aderem aos desafios sociais do momento).

Luís Henriques teria sido seu primeiro contato sexual, pois estava revoltada com a mãe, que repetia sobre a virgindade da mulher ser o seu maior tesouro, e com o pai, militar reacionário que não admitia o namoro de filha portuguesa com um homem de Cabo Verde. Nesse sentido, Eva foi subversiva, enfrentou a tradição, a família, e não desistiu de seu prazer. Após um mês de casada, Eva mente para o marido, informando que iria passar o fim de semana na casa de uma amiga, e combina com Luís Henriques de se encontrarem no dia 24 de abril de 1974. Eva, nesse sentido, realiza uma revolução privada com Luís Henriques nessa noite, quando se entregam ao erotismo, ignorando a revolução que invade as ruas.

O relacionamento amoroso com o jornalista Reinaldo, ocorreu quando o pai dela faleceu, pois no amigo encontrou consolo, nascendo a partir do contato íntimo um dos seus relacionamentos extraconjugais, ocorrido na casa de Eva, na ausência da família. Nesse sentido ocorre a compreensão pelo fato de Luís Henriques não regressar a Cabo Verde, devido o ocorrido entre Eva e Reinaldo, o ato sexual na mesma cama onde os três compartilhavam por falta de espaço. O próprio Reinaldo Tavares espantava-se com a resposta de Eva, quando perguntava quem era ela, a Eva de mil pessoas? Ela sempre respondia que era apenas uma mulher casada que traía o marido com pelo menos mais dois amantes, e sua única explicação era o fato de amá-los a todos ainda que cada um à sua maneira.

Não há nada de mais banal nem prosaico é aquilo em que um casamento se vai transformando ao longo dos anos. Duas pessoas que não podem evitar que o afeto que inicialmente sentiram uma pela outra vá sendo a pouco e pouco contaminado por desatenções e incompreensões, pequenos agravos e ofensas que se vão acumulando, ferindo e rasgando, e finalmente criando espaços onde outros podem penetrar e normalmente penetram (ALMEIDA, 2006, p. 183).

Além de Luís Henriques, Eva amava Reinaldo e o marido, mesmo de forma diferente. O marido, Zé Manuel, sentia medo de perder a mulher para os amantes, isso porque três dias após o casamento civil, os dois fizeram sexo na varanda, e no clímax da intimidade, Eva gritou pelo nome de seu primeiro amor, Luís Henriques. Tal acontecimento foi uma decepção para o esposo, apesar de nunca ter tocado no assunto com ela.

A poligamia de Eva não é explícita, por isso que não há o julgamento da sociedade, somente os amantes sabem da existência dos outros. Eva sempre afirmava que seu modo de amar não mudaria, uma vez que gostava da sua vida, sentia emoções em cada amante, e não pretendia terminar as relações. Nesse contexto, Luís Henriques não voltaria para Cabo-Verde por causa dos momentos complicados em relação à ausência de empregos na Ilha, e também por Eva permanecer casada, apenas contentava-se com os encontros furtivos quando ela viajava para encontrá-lo em Lisboa. Quanto ao Reinaldo, que já estava acostumado com as relações extraconjugais de Eva, continuaria com a sua vida de amante e jornalista. O marido Zé Manuel era o único que não sabia das traições, pois Eva tinha um comportamento exemplar de mulher casada, respeitada e que sabia educar os filhos. Finalmente, a independência prevalecia a trinta anos de paz e de crescimento, Cabo Verde apenas não contava com os exilados que se recusavam a participar do desenvolvimento do país, devido ao desgaste provocado nas lutas pela libertação.

O fato de Eva pertencer a Portugal e ter se instalado em Cabo-Verde, também revela a sua personalidade sem raiz e dividida entre países e amores. Eva é uma portuguesa casada, residente em Cabo Verde desde 1977 e resolve permanecer na Ilha. Ela é a representação da mulher que está à procura de uma identidade, pois consegue transitar mesmo de modo paradoxal entre a rigidez de sua educação com um pai militar, e uma politização libertária, herdada por Luís Henriques. A sua vida em sociedade também sofre alteração: uma mulher dividida com três amores, dois países e várias culturas. O paradoxo de sua identidade consiste no que ela mesma produziu para si, isto é, chega a Cabo Verde na função de ser professora, revolucionária e idealista, mas que com o passar do tempo transforma-se em uma empresária de móveis de luxo exclusivo para a classe emergente da burguesia nacional.

A sedução faz parte do universo de Eva, que confessa: “também sei do gosto da procura e da espera, da sedução e da incerteza, mas, sobretudo o gosto daquele momento único e irrepetível de vitória e ternura sobre o ser desejado.” (ALMEIDA, 2006, p.184). A partir dessa confissão, a compreensão é de que no universo feminino de Eva isso é algo natural, o que contrapõe com o pensamento masculino de que apenas o homem poderia ter a quantidade de amantes que conseguir conquistar, sendo até mais tolerável pela sociedade. Ou seja, quando o homem conquista várias mulheres, construindo seu mundo poligâmico, ele é visto pela sociedade de modo sedutor e viril. No entanto, quando esse mesmo processo de sedução direciona-se a uma mulher, a sociedade tem uma outra opinião, a de mulher fácil e vulgar, que não respeita a família nem as tradições.

O narrador sempre se refere à Eva de modo paradoxal e contraditório, pois ao mesmo tempo em que ela exerce sobre ele a mulher companheira e segura de seus sentimentos, em outras ele expressa que Eva é a mulher que mereceria um acompanhamento psiquiátrico, exatamente por causa das várias facetas que ela assume para cada um de seus amantes, além do marido. Reinaldo percebe em Eva uma figura enigmática, e não compreende a dimensão de seu comportamento multifacetado. A única justificativa para as suas várias personalidades, Eva justifica o seu comportamento polígamo da seguinte forma:

é que a cada nova paixão eu sou recriada mais uma vez. As inúmeras mulheres de que sou feita, muitas adormecidas ou reprimidas, tornam-se possibilidades e muitas vezes realidades, e nelas eu vivo novas vidas, diferentes da que vivo contigo, porém também importantes... E finalmente, e para ser absolutamente sincera contigo, vou correr o risco de escandalizar-te, dizendo que hoje acredito piamente que só a infidelidade nos liberta e nos permite ser nós próprios (ALMEIDA, 2006, p.163).

Nesse contexto, é imprescindível ressaltar que Eva é portuguesa, ou seja, ser ativista política, professora, e com uma inteligência que seduz por sua segurança e argumentações politizadas, e com a experiência de vida envolvendo os dois lados dos países Portugal e Cabo Verde, não ser negra, ou não ser vista como uma cabo-verdiana, não tem a mesma dimensão do significado do racismo e do preconceito que sofreu seu primeiro homem, Luís Henriques por racismo. Isso ocorre, quando o seu pai a expulsa de casa, ao descobrir que seu namorado é um cabo-verdiano. O próprio Luís Henriques confessa que nos anos 70 era necessária uma forte personalidade para chegar a Cabo Verde com uma mulher branca. Naturalmente, Luís Henriques percebe com o tempo no período da independência de Cabo Verde, a dificuldade de ser intransigente com os ex-colonizadores, quando havia decretado que só seriam consumidos produtos da terra pelos ex-colonizados. Naturalmente, ele foi o primeiro a quebrar as próprias regras, quando discursou no dia da independência, após embriagado com o grogue, bebida cabo-verdiana, que os novos países independentes deveriam apreciar as três maiores heranças portuguesas: “a língua portuguesa, as mulheres portuguesas e o vinho português” (ALMEIDA, 2006, p. 236).

Segundo o narrador, Eva não consegue separar-se de seu marido, nem tampouco de seus amantes, porque não deixa de ser uma forma de sentir-se segura em relação aos seus afetos, sempre ter a possibilidade de não ficar sozinha e não sofrer com a solidão. No entanto, a argumentação que Eva utiliza para explicar o porquê de ter mais de um amante, pois até justificaria ter apenas um amante, passa pelo cotidiano e o comodismo que esse casamento proporciona.

o que uma mulher casada procura num amante é alguém que tenha como ofício amá-la e como vocação acariciá-la. Mas, infelizmente, com o passar do tempo, também o amante se transforma em marido, e então entra-se inevitavelmente no labirinto dos amantes-substitutos-de-amantes (ALMEIDA, 2006, p.184).

Conclusão

Nos dois romances de Paulina Chiziane observamos que o ponto chave é a relação de um homem com várias mulheres, e em *Eva*, de Germano Almeida, ocorre uma inversão de valores, quando surge uma mulher se relacionando intimamente com três homens. Em *Niketche* e *Balada de amor ao vento* existe uma competição entre as diversas esposas, uma vez que todas batalham por seus direitos no casamento, principalmente aos que estão ligados à gravidez, porque em regiões africanas a valorização do nascimento de um filho homem é muito mais do que apenas um herdeiro, mas também significa poder para a mãe, de pelo menos conseguir ter uma atenção que não é a mesma quando nasce uma criança do sexo feminino. Ou seja, a pressão da sociedade e das famílias, que já estão contextualizadas no universo patriarcal, imprime nessa cultura uma obrigatoriedade da mulher aceitar essa condição, porque a vida para ela seria muito pior caso ela não fosse uma mulher casada, independente de ser a primeira ou a última esposa.

Na região moçambicana em destaque nos dois romances de Chiziane, o fato dos homens se casarem com várias mulheres. Em *Balada de amor ao vento*, o rei possui cinco esposas, e em *Niketche*, Tony tem a primeira esposa, Rami, quatro esposas desconhecidas para Rami, e uma amante maconde. Tal situação não deixa de ser um aspecto preocupante, uma vez que isso também é causadora do alarmante número de pessoas infectadas com o vírus da Aids, apesar de nos romances de Chiziane esta polêmica não é provocada. Ou seja, estes homens africanos representados nos romances não deixam de ter relações com outras mulheres, assim, banalizam o casamento, e o mais injusto para as mulheres, é que isso se torna um direito apenas para o homem, tornando a mulher sempre submissa as suas vontades.

Em *Eva*, de Germano Almeida, não podemos afirmar que ocorra a poliandria, ou seja, o casamento de uma mulher com vários homens. As famílias poliândricas, geralmente, vivem isoladas nas montanhas do Himalaia, no norte da Índia, fronteira com o Tibet. Na narrativa de Almeida, Eva é casada oficialmente com seu único marido José Manuel, mas mantém casos amorosos com dois amantes, Luís Henriques e Reinaldo, ambos sabem da existência do marido, no entanto, o marido desconhece a existência dos amantes de Eva. Assim, Eva foge desse processo patriarcal porque ela continua exercendo o papel de mãe de família e esposa exemplar, mas por uma questão de comodismo e a escassez do carinho forçado pelo cotidiano no matrimônio, decide ter um amante. No entanto, o segundo amante entra na narrativa, quando Eva começa a perceber que seu primeiro amante transformou-se em um marido, e que nessa perspectiva buscar renovar os afetos passa a ser algo tão imprescindível quanto permanecer no casamento, com o objetivo de criar os filhos em uma estrutura familiar adequada nos termos sociais.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Germano. *Eva*. Lisboa: Caminho, 2006.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005.
- CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. Lisboa: Ed. Caminho, 2003.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa: Caminho, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide da Guarda Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- HEIMER, Franz Wilhelm. Fronteiras e identidades sociais em África. In: *África subsariana: multiculturalismo, poderes e etnicidades*. Porto: Revista da Faculdade de Letras e Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2001.
- MUNANGA, Kabengele. O que é africanidade. In: *Vozes da África – Biblioteca entre livros*. Editora Duetto, edição especial nº 6, 2007.
- VENTURA, Suzana Ramos. *Breves notas sobre o romance Eva, de Germano Almeida*. In: Revista Atlântica. n. 10, p. 241-246, São Paulo: USP, 2006.